

HIGINO CUNHA E A VIDA LITERÁRIA NO PIAUÍ ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

Daniel Castello Branco Ciarlini

Universidade Estadual do Piauí

Resumo: Ao admitir Higino Cícero da Cunha como importante memorialista das letras piauienses, este ensaio analisa alguns textos de sua autoria como registros das atividades vinculadas às vidas literária e jornalística do Piauí, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. São objetos de investigação, em especial, o livro *Memórias* (1940) e os opúsculos *Anísio Auto de Abreu* (1920) e *O Teatro em Teresina* (1922). Perpassam a análise dados de fontes primárias, colhidos em edições do jornal *Diário do Piauí* dos anos de 1910, bem como informações colecionadas por intelectuais e biógrafos do autor, a citar Cristino Castelo Branco e Artur Passos. A ideia, por fim, foi descrever parte do processo de sociabilidades culturais e literárias que se formou em um dos mais importantes circuitos literários do Piauí no período, localizado na mesorregião centro-norte e nucleado pela cidade de Teresina.

Palavras-chave: Circuito literário piauiense; Higino Cunha; Séculos XIX e XX; Teresina.

Abstract: By admitting Higino Cícero da Cunha as an important memoirist of Piauí letters, this essay analyzes some texts of his authorship as records of activities linked to the literary and journalistic lives of Piauí, between the last decades of the 19th century and the first decades of the 20th century. The book *Memórias* (1940) and the booklets *Anísio Auto de Abreu* (1920) and *O Teatro em Teresina* (1922) are objects of investigation. Data from primary sources, collected in editions of the newspaper *Diário do Piauí* from the 1910s, permeate the analysis, as well as information collected by intellectuals and biographers of the author, to cite Cristino Castelo Branco and Artur Passos. The idea, finally, was to describe part of the process of cultural and literary sociabilities that formed in one of the most important literary circuits in Piauí at the time, located in the mid-north region and nucleated by the city of Teresina.

Keywords: Literary circuit from Piauí; Higino Cunha; 19th and 20th centuries; Teresina.

A leitura da vida literária no Piauí, centrada no circuito teresinense, não pode prescindir do olhar de Higino Cícero da Cunha¹, cuja postura admitiu, nesse quesito,

¹ Nasceu em São José das Cajazeiras, termo de Flores, hoje Timon, no Maranhão, em 11 de janeiro de 1858, e faleceu em Teresina, capital do Piauí, no dia 16 de novembro de 1943.

duas funções: a de memorialista e a de investigador. Importante figura da intelectualidade brasileira quando de sua participação nas ideias filosóficas que se desenvolveram na Faculdade de Direito do Recife no século XIX, seu ponto de vista é, em certa medida, privilegiado. Afinal, como escritor e também fundador da Academia Piauiense de Letras, testemunhou o campo de maneira produtora; somado a isso, sua experiência remete à passagem do século XIX ao século XX, vivendo em boa parte deste, o que lhe permitiu presenciar fatos significativos da transformação social de sua região quanto aos valores simbólicos. Ia-se de uma sociedade cujo exercício com as letras ou era deslocado ou de ínfima projeção em jornais políticos; e, quando literários, de existência efêmera – assim como as agremiações congêneres constituídas –, a uma sociedade que, tomando o precedente como valor de tradição e continuidade, começava a demonstrar uma tomada de consciência em relação às letras do nascente estado. Assim surgem os primeiros diagnósticos da literatura no Piauí e as razões de seu atraso, impulsionadas principalmente pelo analfabetismo (o maior do país) e pela ausência de bibliotecas.

Essa consciência de atraso, porém, não resultou em atitudes eficientes ou mesmo ideológicas por parte desses intelectuais, com vistas a mudar o quadro, ainda quando estavam engajados ao campo político – suas atuações, na realidade, eram passivas, de sujeitos protegidos e assistidos pelo erário público. Isso não os impedira vez por outra de irem às folhas periódicas denunciar essa configuração, embora tais textos, tendenciosamente históricos ou críticos, não resultassem em significativas transformações, exceto os circunstanciais desdobramentos de ataques políticos.

Higino, portanto, é o observador literário que inaugurou, à sua maneira, análises da vida literária do Piauí e, como tal, era admitido por Cristino Castelo Branco como o primeiro homem de letras a dar clara contribuição à vida cultural do estado piauiense, especificamente à cidade de Teresina. Essa visão, publicada em 1938, e que noticia uma recuada data acerca da situação social da capital, remete aos anos de 1888, “quando Teresina nada mais era que uma cidadezinha de quitandeiros e burocratas” (Castello Branco, 154). Tal animosidade, que impedia a capital de usufruir de bens simbólicos como a literatura, é também comentada pelo próprio Higino Cunha em suas *Memórias*: “Entre os anos de 1875 e 1878, li as *Espumas flutuantes* de Castro Alves, *que eram inteiramente desconhecidas em Teresina*” (CUNHA, 2011: 34, grifo nosso). Se, por

esse tempo a obra do poeta baiano, publicada em 1870, não era de conhecimento do público de Teresina, é notória a mudança de certos costumes, quanto à leitura, pelo menos numa parcela seleta de intelectuais nos primeiros anos do século XX, como bem observa o *Diário do Piauí*, de 20 de outubro de 1911, dando nota das censuras na Rússia da obra de Liev Tolstói, que já então totalizava 3.666.912 exemplares, bem como suas traduções, que alcançavam a cifra de 45 línguas, tanto ocidentais quanto orientais². Ou ainda quando esse mesmo periódico, em data alusiva ao Dia da Bandeira, de 19 de novembro de 1911, reproduz artigo da romancista Júlia Lopes de Almeida, “A nossa bandeira”.

O certo é que o gosto pela literatura, ou pelo menos o prazer de desfrutá-la, parecia uma realidade diminuta, restrita à classe letrada que consumia páginas como as do *Diário do Piauí*. Em sua edição de número 32, do ano de 1912, esta folha dedica pequeno obituário à figura do romancista polaco Henryk Sienkiewicz, autor de *Quo Vadis*, cuja recepção é assim admitida: “empolgante romance que *a maioria dos nossos leitores conhece e admira*”³. Estaria o jornal superestimando o gosto de seus leitores ou a nota, escrita por um dos escritores que compuseram seu quadro, metonimicamente tomara o gosto de uma parte pelo todo? O certo, porém, é que o registro no periódico soma-se a outros que, sem dúvida, se não introduziram ou deram nota da recepção de obras literárias, serviram de informação ao que ocorria culturalmente além das fronteiras do Piauí ou mesmo do Brasil, atualizando um pequeno contingente de indivíduos que pouco tinha acesso à informação.

Ainda sobre Higino Cunha, diz Cristino Castello Branco, fora nas últimas décadas do século XIX e nas circunstâncias de apatia intelectual que nelas se instalara, que o escritor iniciara a sua “vida intelectual, a vida cultural, *a vida literária do Estado*” (Castello Branco, 154). Aliás, consta no livro de *Memórias* que Higino fora o introdutor, no Piauí, do metro alexandrino, publicando nos anos de 1880, em *O Semanário*, o poema “A vingança do Ancião”. Cristino acredita que pelos dez anos seguintes, esse escritor se constituíra como centro, guia, mestre e orientador de várias gerações, uma espécie de proa-mestra necessária ao surgimento de uma geração e à

² “Várias Notícias”, *Diário do Piauí*, ano 1, n. 169, 20 out. 1911, p. 1.

³ “Várias Notícias”, *Diário do Piauí*, ano 2, n. 32, 10 fev. 1912, p. 1, grifo nosso.

manutenção das demais, como a que nasce à sombra de Anísio Auto de Abreu, em 1877, findando-se em 1907.

Se aqui se fala em geração é porque, embora fosse deficitário, o espaço permitia a constituição e um movimento mínimos à vida literária no Piauí. Basta citar que, pelo menos entre os anos 1853 e 1854, já havia na história do periodismo piauiense a presença de jornais literários (*A Ordem*, de 1853, político e literário; e *O Semanário*, de 1854, comercial e literário), e no período mais específico da primeira geração, a começar pelo ano de 1859, destacavam-se como editores de folhas desse gênero o poeta Davi Moreira Caldas (com os jornais *O Arrebol*, de 1859, científico e literário) e, logo depois, em 1872, o poeta Licurgo de Paiva, com *O Despertar*, e, em 1880, o *Jornal dos Moços*, seguido do romancista Francisco Gil Castelo Branco, com *Lux*, bem como o poeta Anísio Auto de Abreu (*O Arbusto*, de 1875, 1ª fase, e 1878, 2ª fase), Benjamim Rubim (*A Tesoura*, de 1880; *O Mundo Novo*, de 1886), o poeta Taumaturgo Vaz (*Prometeu*, de 1882, e *A Bala*, de 1883), o escritor Leônidas Benício Mariz e Sá (*O Crepúsculo*, de 1883), dentre outros. O destaque, porém, é para a existência de uma agremiação de letras intitulada “Sociedade Minerva Literária”, mantenedora do jornal literário, crítico e noticioso intitulado *O Porvir*.

Diferentemente do que afirmara Reginaldo Miranda, “retornando ao Piauí mostra-se insatisfeito com a pacata vida de magistrado no interior, preferindo a movimentação cultural da Capital” (2011, orelha do livro), Higino Cunha, após experiências positivas e entusiásticas em comarcas do interior como Picos, regressa a Teresina “em dezembro de 1889 [...] por exigência do meu sogro”, ao que conclui: “foi o maior erro da minha vida, cujas consequências ainda hoje vou amargando como prisioneiro e pensionista do estado do Piauí” (Cunha, 2011: 57-8). Era seu sogro o comerciante Manuel Raimundo da Paz, partidário do primeiro governador republicano, o major Taumaturgo de Azevedo (um dos intelectuais lembrados na coluna “O Piauí Intelectual”, de Lucídio Freitas, nos anos de 1912), e cuja participação no mundo político o levou a ocupar, em 1909, o cargo de presidente da Câmara Legislativa do Estado. Logo, a estada e consequente contribuição de Higino para o cenário cultural em Teresina não foi uma questão de sacerdócio, mas de circunstâncias a que estava atrelado enquanto morador fixo, o que não excluía, logicamente, dedicação e zelo em concorrer para a formatação de um emergente quadro literário.

Tudo indica que a importância desse escritor para as gerações que se formaram no Piauí foi um fato incontestável tanto ao período em que viveu como *a posteriori*. Prova disso o convite realizado, em 1911, pelo grêmio literário “Euclides da Cunha”, de Teresina, vinculado ao Liceu Piauiense e mantenedor da revista *Letra*, para que o Higino fosse sócio honorário da agremiação, atuando como presidente em eventos organizados pelos estudantes dessa sociedade de letras⁴. Reforça essa imagem nota publicada em prefácio por Celso Barros Coelho, de 2011, para a reedição das *Memórias*, referindo-se a Higino como “o mais dotado entre os intelectuais de sua época” (Coelho, 17). Essa realidade, a propósito, parecia uma constante na vida desse maranhense, cuja convivência no meio piauiense possibilitou que, de fato, se incumbisse de dar rumo a tantos homens de letras que lhe foram contemporâneos – é o que demonstra, por exemplo, a “Nota Preliminar” ao livro *Memórias*, em que Higino registra: “Tendo atingido a extrema velhice e aproximando-se a hora fatal da morte, resolvi deixar por escrito alguns traços de minha longa vida”, e continua, “sem intuito algum de vaidade, mas tão somente para restabelecer a verdade de alguns fatos e *para servir, com o meu exemplo, os meus vindouros que por acaso me lerem*” (2011, 25, grifo nosso). Aliás, é o próprio escritor quem explica, em capítulo alusivo, o tratamento de “mestre” que conquistara no meio piauiense:

assumi a redação de *A Imprensa* em 1886, a convite do coronel João da Cruz e Santos. Sucedia algumas vezes que um ou outro artigo publicado naquele jornal despertava a atenção de algum leitor assíduo, por um motivo qualquer. Um dos íntimos do coronel interpelava-o sobre a autoria do artigo e ele respondia bonachão: “Então não conhecesse? Pois aquilo é obra do mestre Higino”. Deste círculo estreito a coisa foi-se alastrando, primeiro entre os rapazes dados a produções literárias, que me cercavam amistosamente, e depois entre os meus discípulos, especialmente os do Liceu, onde fui lente e examinador durante muitos anos (Cunha, 2011, 84).

A cognominação de mestre é ainda, mais uma vez, confirmada na coluna “Da Tebaida”, assinada nos anos de 1910 pelo pseudônimo Durval Júnior, de Jônatas Batista, no jornal *Diário do Piauí*, quando por diversas vezes, em interlocução com o poeta Vespasiano Ramos, refere-se a Higino como mestre, assim como Artur Passos, que na longa série biográfica que produziu para o *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, em 1958.

⁴ Em 23 de julho de 1911, por exemplo, o grêmio literário “Euclides da Cunha” organizou uma conferência no Liceu Piauiense, tendo como conferencista o estudante Afonso Cunha, que versou sobre o mar. Segundo consta no jornal *Diário do Piauí*, ano 1, n. 118, 25 jul. 1911, o evento foi presidido, com aclamações, por Higino Cunha.

“Mestre”, sobretudo nos textos do segundo, surgira com inicial maiúscula, quase sempre ligado ao nome do homenageado. O conjunto de episódios da vida do referido escritor, expostos nas páginas dos ditos periódicos, confirma o papel e a importância que ele adquirira no meio piauiense, quando de suas articulações culturais, profissionais e políticas.

Quanto às relações com outros intelectuais, o livro de *Memórias* reserva alguns episódios curiosos, embora de cunho pessoal. A “filança” de livros, por exemplo, parece um dos fatos mais marcantes nesse sentido, talvez porque o livro fosse um objeto que, apesar de cultuado por uma pequena parcela de alfabetizados nos primeiros anos do século XX no Piauí, não era material comum nos segmentos da sociedade. Em Teresina, pelo menos nos primeiros anos do século XX, era uma peça que se conseguia depois de muito custo, como demonstra a quarta crônica “Da Tebaida”: “Bem sabe [...] o quanto custa obter, nesta *cidade feliz*, um livro novo, uma obra que preste” (Durval Júnior, 1911, 1). Se a visão de “Durval Júnior” estava centrada na figura do leitor, a de Higino Cunha se fixava na do escritor: “num país de analfabetos, a situação dos homens de letras é muito precária, explorada miseravelmente pelos poucos leitores”, consubstanciando o argumento a partir de sua leitura sobre o Piauí, em que os “filões” de livros se utilizavam de três processos diferentes a fim de obterem o objeto cobiçado: o primeiro, o pedido direto do empréstimo; o segundo, quando se valia de um intermediário para conseguir o bem; e terceiro, subtração clandestina, “e o resultado era sempre o mesmo; lá se iam os livros para nunca mais voltarem” (Cunha, 2011: 86). Importante destacar que o período a que se referia era o final do século XIX, décadas antes do relato de Durval que se publica no *Diário do Piauí* em 1911. Indicativo este de que a realidade não parecia ter mudado, fruto de escasso aparelho estatal que subvencionasse a população com bibliotecas públicas, que vão surgir a custo no Piauí.

O trabalho memorialístico de Higino Cunha, porém, não se resume a esse livro-testamento que deixara nos anos finais de sua existência, mas, sobretudo, ao longo de toda a sua produção como homem de letras, especialmente constituído pelo espírito beletrista que o apossara como membro da Academia Piauiense de Letras. Nessa empresa de vida, assumiu a obrigação de, em discursos, conclamar a memória e reviver ou mesmo analisar os fatos e a vida dos intelectuais piauienses dos quais privou do

convívio ou a quem por outra razão nutrirá admiração e, logo, senso de curiosidade e pesquisa.

Assim ocorreu no ano de 1918, quando escreveu homenagem a Anísio Auto de Abreu, pronunciando-a em sessão solene na sede da Academia Piauiense de Letras, no dia 21 de junho do mesmo ano. O trabalho, posteriormente publicado pela Papelaria Piauiense em 1920, tornou-se uma das primeiras peças de sua bibliografia, hoje dispersa, mas que transitou nos gêneros do discurso, do ensaio historiográfico, da poesia e da biografia. Nesta, em especial, Higino dedica atenção a uma das figuras mais lembradas da intelectualidade piauiense ainda do século XIX: na “Exposição de motivos” que justificava a publicação do opúsculo sobre Anísio Auto de Abreu, reconhece as poucas informações de que dispunha para compor o trabalho, sobretudo quando “ainda não se pôde reunir em volumes as produções do saudoso intelectual, esparsas nas folhas volantes da imprensa periódica” (Cunha, 1920, 6). Ironia do destino ou não, até a presente data esses trabalhos acusados mantêm-se esparsos e nunca foram reunidos, a fim de dar notícia, pelo menos, do trabalho poético do piauiense. Não obstante, Higino resgata um dado importante: “apenas foram impressos, em pequenas brochuras, alguns dos seus mais importantes discursos na Câmara Federal, graças aos esforços de seu digno irmão doutor Areolino de Abreu” (1920: 6). Parte desses trabalhos, a propósito, foi encontrada na sede do Arquivo Público do Piauí (Casa Anísio Brito), impressos em tipografias do Piauí⁵ – os trabalhos poéticos, porém, que resultaram em livros como *Íntimos* (1882) continuam sem uma salvaguarda que os exponha publicamente.

Esse estudo de Higino, antes de se ater a uma análise biográfica do intelectual estudado, vale por traçar um estudo da evolução intelectual do Piauí, como demonstram as investidas iniciais do texto, ao utilizar nesse intento “o ponto de vista das ideias modernas e fornecer dados exatos ao futuro historiador dos *factos da nossa vida política e literária*” (Cunha, 1920: 9, grifo nosso). Se o maranhense é admitido aqui como uma espécie de mentor das gerações de que o sucederam, é o próprio mestre quem reconhece

⁵ Higino Cunha registra que as obras parlamentares de Anísio Auto de Abreu seriam publicadas no Piauí por força do decreto n. 485, de 17 de julho de 1911, do governador Antonino Freire, que concedeu fazer contrato com a viúva do falecido intelectual piauiense, Amanda Burlamaqui de Abreu, autorizando o governo “editar por conta do Estado, na Imprensa Oficial, as obras parlamentares e jurídicas do ilustre piauiense doutor Anísio de Abreu” (Cunha, 1920: 7). Até o ano de 1920, porém, as obras continuavam sem publicação.

Anísio Auto de Abreu como o centro⁶, ou para traduzir em termos deste artigo, o epônimo (como propunha Ortega y Gasset), de um despertar intelectual do Piauí, até então entregue ao marasmo da politicagem. De uma maneira ou de outra, a intuição de Higino Cunha classifica a existência produtiva de Anísio Auto de Abreu, enquanto literato e político, como um marco para o estado: sua existência permite um claro vislumbre de como era a vida literária antes, com manifestações literárias tímidas em folhas periódicas que, em muito, hipertrofiavam as esferas privadas na esfera pública em prol de posturas políticas, e outra que se lhe seguiria após o advento da República, com o surgimento de uma relativa vida intelectual, realizada em fatos de ordem literária e artística, que deslumbrariam Teresina e cidades com algum desenvolvimento econômico, a citar Parnaíba. Anísio foi um dos primeiros piauienses que experimentou as agitações intelectuais da Faculdade de Direito do Recife, transportando-as à sua terra – do campo literário propriamente dito, o antecederam apenas alguns nomes: José Manuel de Freitas, José Coriolano de Sousa Lima e Francisco de Sousa Martins, este de escassa e efêmera produção poética.

Retomando a linha que discutia o estado de apatia e atraso que cercava Teresina no século XIX, isso, ao que indica Higino, não impedira que o jovem Anísio, enquanto estudante do Liceu, na capital, vivesse uma vida literária, parca, porém atribulada, principalmente após a morte de seu pai:

estudando pouco, frequentando as rodas dos intelectuais mais notáveis, especialmente os políticos, discutindo, lendo jornais, recitando versos e discursos, cantando no coro das igrejas e nos salões em festa, nas esquinas das ruas ao som do violão tocado por outrem, em noites luaradas, segundo o gosto do tempo (Cunha, 1920: 16).

Dentre os chefes de partidos políticos piauienses que testemunharam essa fase boêmia de Anísio de Abreu, que lhe rendeu dois casamentos (primeiro com uma prima, Maria de Lobão Abreu e, posteriormente, com Amanda Burlamaqui de Abreu), estava um liberal refratário (de espírito conservador), Simplicio Mendes, que conhecera os filhos desse literato dos dois consórcios: Mário Lobão Abreu, do primeiro, e outros cinco do segundo: Guiomar, Carmen, Polidoro, Maria de Lourdes e José. No Piauí

⁶ Em seu discurso de recepção a Anísio de Abreu na Câmara dos Deputados, em nome da colônia piauiense no Rio de Janeiro, em 1904, Félix Pacheco o define como “mestre”, cujos discursos traziam consigo doses de ensinamento, afeito “a política das ideias, a política dos princípios, a alta e soberana política da inteligência, a política da discussão e do estudo” (1904: 7-8).

ainda imperava o espírito do romantismo, período literário em que os poetas piauienses, na ausência de uma estrutura tipográfica mínima capaz de dar conta da impressão de livros, publicavam suas produções, geralmente em parceria, em outros parques gráficos, como o poeta Licurgo de Paiva, cujas *Flores da Noite* (1866) saíra em Recife e *Noite ao Luar* (1867), em São Paulo, bem como José Coriolano de Sousa Lima, com seu, *post-mortem*, *Impressões e Gemidos* (1870), em oficinas tipográficas do Maranhão; o mesmo ocorrendo a Luiza Amélia de Queiroz e suas *Flores Incultas* (1875) e *Georgina ou Os Efeitos do Amor*, ambas publicadas em São Luís.

Higino lembra que o espírito do romantismo, que impregnara figuras como o jornalista Davi Moreira Caldas (um romantismo do tipo reformista, como classificariam Löwy; Sayre⁷), quando afeito a versos ao modo de Casimiro de Abreu (como observara, certa vez, Abdias Neves), só se desfizera quando, no ano de 1881, em um primeiro momento, inspirado no ideal livre de crítica filosófica e evolucionista, Clodoaldo Freitas retorna de Recife, e mais especificamente em 1884, quando funda em Teresina o periódico *O Reator*, com forte crítica anticlerical – característica que o acompanhará ao longo de sua existência literária e como pesquisador. Antes disso, o Piauí estava de alguma forma fechado às incursões modernas admitidas pela crítica científica do realismo: “Nos anos da sua infância e puerícia e mesmo nos primeiros da juventude, escoados aqui em Teresina, Anísio de Abreu pouco ou nada recebeu do influxo moderno, das correntes literárias que já movimentavam a *psique* brasileira em certos centros intelectuais” (Cunha, 1920: 25).

Clodoaldo Freitas é quem prepara o terreno das novas ideias em Teresina, mas a chegada de Anísio de Abreu – que, em Recife, desde 1882, experimentava a terceira fase da Escola Literária do Recife, quando Tobias Barreto prestara concurso para o concorrido Curso de Direito, sendo aprovado – é um fato que merece destaque, principalmente por sua atuação política em defesa do Piauí, no Rio de Janeiro. Esse fato é observado pela imprensa carioca, “sempre unânime e uníssona em lhe tecer os mais esplêndidos elogios” (Cunha, 1920: 59). Na Câmara fora ele um dos mais fortes combatentes ao regime da política oligárquica dos estados brasileiros e como governador, administrara o Piauí com certa liberdade de ação, afinal, era “um isolado no nosso meio político, sem clientela pessoal, nem vaidade oligárquica e sem

⁷ Ref. *Revolta e melancolia* (2015).

predomínio egoístico de família” (Abreu apud Cunha, 1920: 73). Essa liberdade permitiu que Anísio, em tão pouco tempo de mandato, 1º de julho de 1908 a 6 de dezembro de 1909, intervisse em quase todos os setores do estado piauiense:

A exposição nacional, os impostos interestaduais, a justiça, o júri, a polícia, a secretaria da fazenda, as obras públicas, as estradas de ferro, *a instrução pública, a biblioteca*, as eleições, a higiene e a salubridade, a ordem pública, a polícia militar, a assistência e caridade, o asilo de alienados, os convênios, a situação econômica e financeira, a secretaria de governo, tudo ali se patenteia sob novos aspectos, oferecendo aos pósteros um vasto repositório de informações e ensinamentos fecundos (Cunha, 1920: 75-6, grifo nosso).

Ainda acerca do momento de grande agitação na vida intelectual pernambucana de Anísio, Higino Cunha observa a inserção do jovem piauiense nessas terras: “O quinquênio do seu tirocínio acadêmico foi a época de maior agitação que já houve nas letras brasileiras, projetando-se nas questões políticas e sociais até à abolição dos escravos e à proclamação da república” (1920: 27). Mais do que um simples estudante de Direito em Recife, Anísio de Abreu é lembrado por Faelante da Câmara, em sua *Memória Histórica da Faculdade do Recife* (1904), como verdadeiro discípulo de Tobias Barreto e de suas novas ideias. Ao seu lado estavam outros importantes nomes: o próprio Higino Cunha, Clóvis Beviláqua, Martins Júnior, Viveiros de Castro, Urbano Santos, Benedito Leite, entre outros.

Quanto à atuação mais direta do piauiense, é ainda Higino quem recorda: “Anísio galgou de chofre as primeiras linhas avançadas. Dentro de um ano, pôs-se ao corrente de todo o movimento intelectual daquela época famosa” (1920: 30). Teria sido em Recife que o referido intelectual publicara parte de suas obras literárias ou ensaísticas, versando sobre diversos temas, inclusive a abolição da escravatura, em versos alexandrinos, tendo dividido uma programação de conferências com Joaquim Nabuco e José Joaquim Seabra. Higino cita cada um dos trabalhos, solo ou em jornais que Anísio teria levado àquela época à publicação em Recife, e recorda que tamanho empenho o sagrara com um elogio de Tobias Barreto e a “láurea de poeta lírico, social e filosófico” (Cunha, 1920: 30). Com um ambiente propício para divulgar as suas ideias, esse poeta piauiense rapidamente se envolveu com o periodismo pernambucano – tendo trabalhado inicialmente como revisor do *Diário de Pernambuco* e no *Jornal do Recife*, escreveria artigos políticos de vária ordem.

Se no Piauí Anísio de Abreu, antes de sua passagem pelo Recife, era afeito à vida boêmia, em Pernambuco, por sua vez, preso aos estudos, adotara outra postura: comparecia “somente às rodas dos intelectuais e às festas, em que tinha de representar papel saliente como orador. Gostava muito do teatro lírico; nunca, porém, tomava parte nos folguedos dos colegas, nem frequentava os salões de dança” (Cunha, 1920: 41). Higino, seu biógrafo, vai mais a fundo no perfil desse intelectual, quando admite que ele, em Recife, não demonstrava ter “vício de espécie alguma, entregue todo aos seus múltiplos afazeres e às suas preocupações literárias, políticas e financeiras” (1920: 41). Entre o ser jurista e o ser poeta, Anísio, comenta Higino a partir de um relato de Mathias Olímpio, preferia ser reconhecido como o segundo, daí a sua dedicação ao exercício das musas, razão esta que as “as vicissitudes das lutas políticas nunca lhe amorteceram os estómos do coração e as fantasias do espírito, na contemplação estática do belo, que se traduzisse numa paisagem, nuns olhos fascinadores de mulher formosa, ou numa cena da vida social”, afinal, “ser poeta é a condição principal para ser um grande e eloquente prosador” (1920: 44), mas foi, sobretudo, como político que Anísio ajudou a formatar a nova fisionomia da vida intelectual piauiense, principalmente em seu exercício junto à imprensa periódica.

Em 1921, ao receber Matias Olímpio como membro da Academia Piauiense de Letras, Higino Cunha prossegue em sua faina de memorialista da vida literária piauiense, dessa vez recordando fatos que envolveram o intelectual em questão com o campo do poder, mais especificamente com o governo de Álvaro Mendes (1904-1907). E isso logo após Olímpio ter concluído o curso de ciências jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife, tendo encontrado em Teresina, após seu retorno, o escritor João Pinheiro, que o acolheu.

Já na administração de Areolino de Abreu (1907-1908), foi Matias Olímpio nomeado secretário de governo, continuando no cargo em governos seguintes, o de Anísio Auto de Abreu (1908-1909) e Antonino Freire (1910-1912). Higino recorda ainda a passagem do jovem intelectual tribuno pela imprensa, tendo participado do jornal *O Monitor*, cujos artigos, porque de cunho político, eram publicados sob o pseudônimo de Lineu, “pela elevação e ousadia das ideias, pela correção da forma e pela originalidade do estilo, despertaram o mais vivo interesse entre os plumitivos, e as paixões mais desencontradas e intensas” (Cunha, 1921: 37). Como Clodoaldo Freitas,

Matias Olímpio tomara posição na campanha anticlerical que já se espalhava em Teresina, e cuja participação fora testemunhada pelas páginas do jornal *Luz*, de orientação maçônica. Depois desses acontecimentos, experimentara a vida jurídica do Acre e, posteriormente, em retorno ao Piauí, efetivara uma vida literária mais ativa em ciclos de conferências maçônicas e literárias que renderam peças que compõem parte da sua bibliografia, como *A iniciativa feminina e as associações de caridade*.

As memórias de Higino Cunha seguem. Agora, em conferência proferida no Teatro 4 de Setembro, em 21 de agosto de 1921, o escritor se prende a uma temática específica: “O Teatro em Teresina”. Nessa peça, expõe as tentativas “malogradas” de Licurgo de Paiva e de Luiz Correia de fazerem teatro na capital piauiense, porém entende que somente com Jônatas Batista esse gênero foi figurativo aos anais do tempo, e a razão não era outra senão o fato de ter sido o seu trabalho dramaturgico o único, nesse momento de nascimento, a ser encenado, consagrando-lhe um lugar na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Até 1921, foi o único piauiense a ter espaço nesse grêmio. Esse sucesso foi alcançado especialmente com o drama *Jovita, ou A Heroína de 1865*⁸, bem como revistas de costumes, como *O Bicho*, além de monólogos e canções das quais enveredou.

Higino reconhece, no entanto, que, apesar desse gênero alcançar seu ápice no Piauí nas primeiras décadas do século XX, suas primeiras manifestações em Teresina ocorrem no ano de 1852, com a mudança da capital de Oeiras para a Chapada do Corisco: “vieram para aqui, também, alguns amadores do palco que, na velha capital divertiam o público, representando algumas peças” (Cunha, 1922: 4), onde os primeiros espetáculos, por ausência de um espaço próprio, um teatro, um auditório, por exemplo, ocorriam em espaços privados, como residências. O memorialista, inclusive, chega a ser mais preciso ao apontar espaços comuns aos espetáculos com seus respectivos endereços: “A mais antiga funcionava num prédio, sito à praça da Constituição, hoje Marechal Deodoro⁹, utilizado depois para escolas de primeiras letras, biblioteca pública e mais tarde para a Assembleia Provincial. Pertencia a João Isidoro da Silva França” (1922: 5).

⁸ Encenada em Teresina, pela primeira vez, em 1912, sob a organização da *troupe* Salvaterra, tendo como protagonista a atriz Júlia Pereira. Esse trabalho seria publicado, mais tarde, nas revistas *Litericultura*, de 1913, e na primeira edição da *Revista da Academia Piauiense de Letras*, de 1918.

⁹ Essa mesma praça, nos primeiros anos do século XX, recebia o nome de Uruguaiana.

Foi esse um dos mais antigos espaços onde a vida literária na capital se reunia no século XIX, mais ainda quando em 1852 o presidente da província, João José de Oliveira Junqueira, o adquiriu ao saldo de 2:500\$, sob o argumento de que o teatro era “o primeiro e o mais útil divertimento dos povos civilizados”. Daí o empenho em estruturar o prédio com o intuito de transformá-lo em um teatro, a que deu o nome de Teatro Santa Teresa, o único até então do Piauí, e a dar subvenção anual à companhia de apresentações dramatúrgicas, como incentivo a essa arte na província, então representada pelos atores Gil Braz de Mattos e Augusto Raphael Lucci. O certo é que desse presidente aos demais, houve sempre uma atenção a esse espaço público de apresentações, como investida do poder público em criar um hábito “civilizatório” à população piauiense, fato que perdurou até 1870, quando “o teatro Santa Teresa entrou em decadência e foi encontrado em ruínas [...] pelo presidente Spínola Junior, que propôs a sua venda para obter outra casa de melhor arquitetura e de melhores cômodos” (Cunha, 1922: 6). Conta Higino que o prédio, que um dia ostentou a única casa de espetáculos do Piauí, dera, por fim, espaço, em 1874, a duas escolas públicas, transformando um dos seus cômodos em biblioteca, “que se estava organizando por iniciativa particular, sob os auspícios da Sociedade Propagadora da Instrução Pública”. É essa uma das primeiras informações que se tem notícia, na história de Teresina, da criação de uma biblioteca. E, nesse caso, a cargo da iniciativa privada. Demorariam pelo menos 37 anos até que, no governo de Antonino Freire, se estabelecesse uma biblioteca pública, embora sua idealização tenha partido de seu sucessor, Anísio de Abreu, que não conseguiu “pôr em prática o projeto cultural constante de sua Mensagem à Assembleia, em 1909” (Magalhães, 2016: 45).

Com a descaracterização do teatro Santa Teresa, a vida cultural de Teresina verteu as apresentações teatrais novamente para casas particulares, “na esquina da casa onde está estabelecida hoje a loja Paulista, na rua desembargador Freitas em casa do capitão Antonio Rodrigues Teixeira Junior, e na do capitão José de Castro Lima, e afinal nas meias águas do quartel de polícia, onde foi instalado o *Teatro Concórdia*” (Cunha, 1922: 7), como é da lembrança de Higino que, já instalado em Teresina, assistia “com o mais vivo interesse” aos espetáculos promovidos por essa casa.

É nessa parte das memórias de Higino que ele dá vivo testemunho da agitação cultural de Teresina, sempre afeita às apresentações teatrais. Informa que seus atores

foram muito bem remunerados, bem como “As companhias de circo, com os seus palhaços, acrobatas, animais exóticos e pantomimas hilariantes, mereceram sempre estrepitosos aplausos”, mas diferentes dos atores instalados na capital, “auferiram pingues rendimentos” (Cunha, 1922: 7). O autor diverge do que apontam as fontes primárias, lembra que não havia concorrência às apresentações teatrais em Teresina, em que nem mesmo os cultos religiosos conseguiam atrair tamanho contingente.

O Teatro Concórdia não foi uma casa fechada aos artistas da terra. Higino lembra que ele recebia companhias vindas de outras partes, como o que ocorreu em 1877, quando a casa abrigou uma companhia cuja atração era uma atriz portuguesa, Helena Balsemão, de renome internacional: Porto, Lisboa e outras capitais brasileiras. É uma das mais recuadas e notificadas presenças artísticas estrangeiras do teatro em terras piauienses. O memorialista recorda a beleza da atriz e a maneira como os teresinenses a receberam: “causou verdadeiro delírio na sociedade teresinense, dominando-a de alto a baixo como estrela de primeira grandeza” (Cunha, 1922: 7-8), e mais adiante: “Aumentaram-lhe as bancadas e levantaram-se camarotes para as pessoas gradas. As ovações ecoavam de todos os lados” (8). Descreve, ainda, que essas ovações se mantiveram até a população descobrir que a atriz portuguesa hostilizava uma atriz brasileira, que a acompanhava na companhia, fato que modificou radicalmente o comportamento dos teresinenses, que partiam a cultuar a atriz patricia: “Discursos, flores, *poesias* esvoaçavam em torno da nossa patricia”, e em relação à portuguesa, uma “vaia estrondosa” (Cunha, 1922: 8), cujo resultado fora o envolvimento de uma das figuras políticas e intelectuais do Piauí:

dentre a massa popular, de pé e sobre um dos bancos, surgiu a figura veneranda do doutor Simplicio Mendes, prestigioso chefe político e clínico idolatrado, com os seus cabelos brancos moldurando um rosto escarlate, bate palmas e falou á multidão, pedindo que poupasse a vergonha de vaiar uma mulher, que, como nossa hóspede, e pela sua formosura peregrina e pelo mérito artístico, era digna de todas as homenagens e de todas as ovações dos povos cultos (Cunha, 1922: 8).

Esse episódio, que entrara para os anais dos fatos literários e polêmicos do Piauí, resultara em uma reversão das injúrias em palmas e ovações à atriz, que fora acompanhada “até a casa de sua residência pela multidão em delírio” (Cunha, 1922: 9), além de a atriz ter sido, posteriormente, recebida em salão particular pelo juiz de direito

da comarca, Manuel Ildefonso de Sousa Lima, que, enfim, a apresentou à sociedade teresinense.

Somente em 4 de setembro de 1889, conta Higino, por iniciativa de um grupo de senhoras, reivindicou-se do poder público – na época o presidente da província era Teófilo Fernandes dos Santos – a construção de um teatro em Teresina, pedido que foi atendido, destinando-se o valor de 30:000\$ ao futuro Theatro 4 de Setembro, palco a inúmeras conferências literárias e políticas¹⁰ que representarão uma fase bastante significativa na vida literária piauiense, em especial porque o objeto literário passará a ser difundido pelas récitas que contemplavam tanto leitores e apreciadores como sujeitos ainda não iniciados nas letras. Assim, a literatura será difundida em uma dupla função: a de entretenimento e a de instrumento.

Por esse tempo as conferências literárias e palestras já haviam dado os ares pelo Piauí, todavia no período republicano elas se tornaram mais concorridas. Pesquisa realizada em fontes primárias referentes aos anos de 1877 a 1931 identificou pelo menos 47 dessas ocorrências, das quais, sete foram proferidas por Higino Cunha, em Teresina. Os temas neste período eram variados e punham em debate tanto questões políticas quanto assuntos corriqueiros. Entre os conferencistas que compunham a seleta de nomes da literatura nacional ou mesmo da vida literária piauiense estavam nomes como, no primeiro caso, o maranhense Coelho Neto, que esteve na capital do estado em 1899, quando proferiu duas conferências: uma no Hotel 15 de Novembro; e outra no Theatro 4 de Setembro, com o título “A mulher forte”. Quanto ao segundo grupo, estavam os nomes de Anísio Auto de Abreu, Da Costa e Silva, Manuel Saraiva de Lemos, Zito Batista, Nogueira Tapetí, Jônatas Batista, Celso Pinheiro, Abdias Neves, Alcides Freitas, Luiz de Moraes Correia, Cristino Castelo Branco, João Francisco Ferrí, Berilo Neves e Martins Napoleão.

Como forma de sintetizar o conjunto, bem como dar destaque ao papel das casas de espetáculo como palco para esse tipo de sociabilidade cultural, segue abaixo uma tabela das conferências e palestras que ocorreram no Piauí no referido recorte, sediadas pelo Theatro 4 de Setembro, Cine Teatro Éden, Cinema Palace e Teatro Olímpia:

¹⁰ Em 12 de outubro de 1921, por exemplo, na abertura do Congresso das Municipalidades, o Theatro 4 de Setembro foi palco de uma conferência proferida pelo ex-presidente do Brasil, Nilo Peçanha.

SÍNTESE PARCIAL DE CONFERÊNCIAS E DE PALESTRAS EM CASAS DE ESPETÁCULO PIAUIENSE ENTRE OS ANOS DE 1899 E 1931

DATA	CIDADE	TÍTULO	AUTOR	LOCAL
1899	Teresina	“A Mulher Forte”	Coelho Neto	Theatro 4 de Setembro
07/05/1908	Teresina	“A Tortura do Imperfeito”	Higino Cunha	Theatro 4 de Setembro
10/05/1908	Teresina	“A Árvore”	M. Saraiva de Lemos	Theatro 4 de Setembro
14/05/1908	Teresina	“A Tortura do Imperfeito”	Higino Cunha	Theatro 4 de Setembro
01/08/1909	Teresina	“Namorados sem Ventura”	Zito Baptista	Theatro 4 de Setembro
1911	Teresina	“A Luz”	Nogueira Tapety	Theatro 4 de Setembro
05/03/1911	Teresina	Sobre o Recenseamento	Hilarião Mendes Madeira	Theatro 4 de Setembro
13/05/1911	Teresina	Histórico-literária	Jonathas Baptista	Theatro 4 de Setembro
05/10/1911	Teresina	Sobre a República Portuguesa	Higino Cunha	Theatro 4 de Setembro
08/10/1911	Teresina	“A Mulher”	João Matta de Oliveira Roma	Theatro 4 de Setembro
10/12/1911	Teresina	“A Alma dos Tísicos”	Celso Pinheiro	Theatro 4 de Setembro
10/12/1911	Teresina	“O Lenço”	Zito Baptista	Theatro 4 de Setembro
13/05/1920	Parnaíba	“Como Tutóia nos Prejudica”	Armando Madeira	Cine Teatro Éden
21/08/1921	Teresina	“O Teatro em Teresina”	Higino Cunha	Theatro 4 de Setembro

03/05/1922	Teresina	“O Abolicionismo”	José Aguirre	Theatro 4 de Setembro
03/09/1922	Parnaíba	“O Espírito Cristão no Movimento da Independência”	Berilo Neves	Cinema Palace
05/10/1927	Teresina	“O Valor da Mulher e a Mulher Brasileira”	Agripino Santana	Teatro Olímpia
05/07/1931	Teresina	“Pátria Nova”	Martins Napoleão	Theatro 4 de Setembro

A tabela deixou de fora, por questões de espaço e de adequação ao assunto abordado, outros lugares também utilizados pelos intelectuais piauienses para a prática da auditividade literária e política, tais como, em Teresina, o Salão da Assembleia Provincial, o Clube Republicano, o Clube dos Operários, o Paço do Conselho Municipal, o Templo Maçônico Caridade 2ª, o Liceu Piauiense, o Clube Recreativo Teresinense, o Palacete da Intendência Municipal e a Praça Rio Branco; em Parnaíba, o Salão da Liga Marítima Brasileira; e em Floriano, a sede da União Artística Operária Florianense e o Colégio 24 de Fevereiro. Das recorrências temáticas comuns, chama atenção assuntos como mulher, abolição e religião.

Grande parte dessas atividades culturais ocorria para angariar fundos de aplicação social, daí a cobrança de ingresso para audiência como a reprodução da fala em opúsculos mais tarde comercializados. É o caso da conferência “O Espírito Cristão e a sua Influência no Movimento da Independência”, pronunciada por Berilo da Fonseca Neves em 3 de setembro de 1922, no Cinema Palace, em Parnaíba. Impressa pela Tipografia Minerva de Fortaleza, no Ceará, a alocução daquele jovem intelectual de apenas 23 anos de idade era vendida em benefício do Colégio Misto São Vicente de Paulo (fundado em 4 de abril de 1907), destinado a crianças pobres e mantido por uma agremiação católica de origem francesa de mesmo nome – em atuação naquela cidade litorânea pelo menos desde os primeiros anos do século XX.

Um tema como vida literária pode ser abordado de diversas formas, por essa razão, não se esgota quando avaliadas as várias possibilidades e vestígios deixados por seus antigos personagens. Procurou-se aqui, a partir dos trabalhos deixados por Higinio

Cunha e outras fontes, subsidiar e contribuir com algumas dessas perspectivas, de modo a resgatar fatos e dados do período oitocentista, com vistas a compreender os seus desdobramentos no século XX.

Não houve a tentativa de esgotar o assunto, nem tampouco contemplar em detalhes todos os segmentos que compuseram o circuito literário do centro-norte piauiense no recorte aqui empreendido. A ideia foi apresentar o testemunho de um dos seus agentes mais importantes e organizar as informações por ele disponibilizadas em diálogo com outros documentos. Desta forma, a atenção foi dirigida tanto aos relatos memorialísticos quanto aos dados que perpassaram a sua atuação como intelectual e promotor de várias formas de sociabilidades culturais.

TRABALHOS CITADOS

Câmara, Phaelante da. *Memória histórica da Faculdade do Recife*: ano de 1903. Recife: Imprensa Industrial, 1904.

Castello Branco, Cristino. Anexo C: Banquete oferecido a Higino Cunha, no seu 80º aniversário natalício, ocorrido a 11 de janeiro de 1938. In: Cunha, Higino. *Memórias*: traços autobiográficos. 2. ed. Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 153-159.

Coelho, Celso Barros. Prefácio. In: Cunha, Higino. *Memórias*: traços autobiográficos. 2. ed. Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011. p. 9-23.

Cunha, Higino. *Anísio de Abreu*: sua obra, sua vida e sua morte. Teresina: Papelaria Piauiense, 1920.

Cunha, Higino. *Recepção do senhor Matias Olímpio*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1921.

Cunha, Higino. *O teatro em Teresina*. Teresina: Tipografia do Correio do Piauí, 1922.

Cunha, Higino. *Memórias*: traços autobiográficos. 2. ed. Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011.

Durval Júnior. Da Thebaida. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 1, n. 134, p. 1, 6 set. 1911.

Löwy, Michael; Sayre, Robert. *Revolta e melancolia*: o romantismo na contracorrente da modernidade. Tradução de Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.

Magalhães, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense*: horizontes de leitura & crítica literária. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

Miranda, Reginaldo. [Orelha do livro]. In: Cunha, Higino. *Memórias*: traços autobiográficos. 2. ed. Teresina: Senado Federal; Academia Piauiense de Letras, 2011.

Pacheco, Félix. *Discurso pronunciado em nome da colônia piauiense na recepção do deputado federal doutor Anísio de Abreu*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1904.

Daniel Castello Branco Ciarlini é Doutor na área de Estudos de Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre em Letras, pela Universidade Estadual do Piauí. Membro do Núcleo de Estudos Literários Piauienses (NELIPI) e do Núcleo de Estudos em Literatura e Imprensa Oitocentista (NELIO), caracteriza-se por sua atividade de pesquisa, especialmente sobre a literatura do Piauí, em fontes primárias. É Professor Adjunto I da Universidade Estadual do Piauí. Possui muitos artigos em periódicos nacionais e atua nos campos da Literatura Brasileira, História da Literatura, Teoria da Literatura, Crítica Literária, Literatura e Imprensa e Vida Literária. E-mail: danielciarlini@frn.uespi.br.

Artigo recebido em 10/12/2021.

Aprovado em 20/12/2021.